



EDGAR MARTINS

Silóquios e solilóquios sobre a morte, a vida e outros interlúdios

INAUGURAÇÃO 22 SET. 22h

22 SET. - 5 NOV. 2016

A exposição que Edgar Martins (Évora, 1977) apresenta na galeria Cristina Guerra Contemporary Art integra a segunda fase de um projecto de trabalho mais abrangente, tendo sido objecto de uma primeira apresentação em Portugal no MAAT – Museu de Arte, Arquitectura e Tecnologia / Fundação EDP (2016). Sob o título Silóquios e solilóquios sobre a morte, a vida e outros interlúdios, a exposição envolve-nos num universo de interrogações sobre a morte e os outros momentos que aludem a uma intermitência da vida, aos interlúdios e intervalos que entre cada imagem vão desvelando indícios e objectos que no espectro da morte se ramificam num vasto arquivo de relações conceptuais, visuais e documentais. Esta investigação, à qual se juntam imagens extraídas do seu arquivo pessoal, foi desenvolvida pelo artista no Instituto Nacional de Medicina Legal e Ciências Forenses, em Lisboa e Coimbra, ao longo de três anos.

As diversas instâncias em que a morte é tratada neste projecto de Edgar Martins passam por um processo de aproximação entre imagens, em que a realidade do corpo morto (do cadáver?), se corresponde por exemplo com os efeitos químicos provocados por componentes de frutos tóxicos utilizados por suicidas na Índia, com a intensidade cromática de uma árvore escarlate a confrontar-nos com a ambiguidade do esplendor estético e esse excesso mortífero. Por outro lado, a palavra está presente enquanto momento derradeiro nas cartas de despedida, segundo a designação médico-legal, entre a presença e a ausência, aludindo a essa intermitência da vida. Numa das fotografias é representado, por uma imagem austera sobre fundo negro, um avião de papel fotografado na vertical, que reproduz a forma de uma suposta carta de despedida de um recluso que foi lançada da janela de uma cela *. Uma outra imagem refere ainda esse momento anterior, uma memória ou um testemunho volitivo do desespero suicidário em que podemos ler uma mensagem dirigida a alguém num ecrã de um antigo modelo de um telemóvel Nokia: “Charles, please take my friends out for lunch. Prey for me. Goodbye”. Assim como os fotogramas aparentemente abstractos, em que as fotografias reproduzem os limites do papel e em que a mensagem escrita, como espectro ou corpo sem ânimo, consiste apenas na informação meteorológica do dia em que determinado indivíduo se suicidou.

* Conforme a página 11 do catálogo da exposição realizada no MAAT, que se completa com a seguinte descrição: “Esta carta incluía uma mensagem ilegível e criptica, escrita ao contrário, acompanhada da seguinte introdução: Quem levar isto a Manoela na Calçada de Sta. Ana recebe lá 20 escudos. Quem apanhar isto vá já. (...) Mãe, para ler, ponha o papel em frente ao espelho”.

Estes são apenas alguns exemplos que o arquivo construído no decorrer do projecto pode enunciar em cada nova exposição. A apropriação de fotografias e documentos pertencentes a arquivos de jornais e outras publicações propõe-nos ainda uma aproximação à história das imagens e à sua possível inadequação, por vezes próxima da renúncia, ou negação, que a morte provoca no espectador enquanto vocabulário simbólico que revela essa condição de perda a que o corpo é sujeito. Estamos perante uma temporalidade anacrónica entre o que a imagem reproduz dessa corporalidade desvitalizada e a humanidade que psicologicamente tentamos resgatar nos interstícios desse documento, publicado ou exposto, que nos confronta com a regulação social do poder, a lei, e as suas consequências éticas e morais.

As narrativas possíveis, intersectadas e fragmentárias são expostas em diferentes formatos fotográficos e projecções, individualizados em pequenos conjuntos seriais que incluem textos documentais, notícias que o artista resgatou, e que se relacionam com assassinios, ou objectos que somente após o reconhecimento *post mortem* se transformam em objectos “necrófagos”, como por exemplo a pedra ensanguentada ou as cordas que são simultaneamente um documento histórico, pelo facto de terem sido conservadas pelo Instituto Nacional de Medicina Legal e Ciências Forenses após as autópsias, um aspecto singular da constituição de um acervo único numa instituição com esta função legal e específica.

Silóquios e solilóquios sobre a morte, a vida e outros interlúdios constitui-se como um campo de possibilidades muito amplo que nos confronta com a corporalidade, com o nosso próprio corpo enquanto correlato de um universo material e visual que emerge a partir da representação ambígua da morte que nunca podemos conhecer e de todos os elementos documentais e ficcionais que transitam infinitamente sobre a possibilidade da imagem reconstituir um momento, ainda que fugaz, em que o corpo resiste à presentificação do cadáver. Mesmo um crânio perfurado é ainda uma imagem e referência ao acto e ao seu efeito, recuperando a identidade de alguém, por vezes anónima, mas que ainda ali reside. Como refere Sérgio Mah, no texto do catálogo da primeira exposição no MAAT: “O projecto assenta precisamente nesse contraponto entre imagens, imaginações e imaginários de um corpo morto como domínio intersticial, um interlúdio entre arte e não arte, entre passado e presente, entre realidade e ficção”.

João Silvério